

ANTOLOGIA

ANTOLOGIA DEL TEATRO CORTIGIANO, CITTADINO ED ERUDITO

Gil Vicente

Dall'Auto da Barca do Inferno.

Auto de moralidade composto per Gil Vicente por contemplação da sereníssima e muito católica rainha dona Lianor, nossa senhora, e representado per seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei dom Manuel, primeiro de Portugal deste nome. Começa a declaração e argumento da obra. Primeramente no presente auto se figura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos subitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous barcos que naquele porto estão, scilicet, um deles passa pera o paraiso e o outro pera o inferno: os quais barcos têm cada um seu arrais na proa, o do paraiso um Anjo, o do inferno um Arrais Infernal e um Companheiro.

O primeiro entrelocutor é um Fidalgo que chega com um Rajem que lhe leva um rabo mui comprido e uma cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha:

DIABO

À barca, à barca, oulá,
que temos gentil maré!
Ora venha o caro a ré!

COMPANHEIRO

DIABO

Feito, feito!
Bem está!
Vai tu, muitieramá,
atesa aquele palanco,
e despeja aquele banco,
pera a gente que virá.

COMPANHEIRO

DIABO

À barca, à barca, hui!
Asinha, que se quer ir.
Oh, que tempo de partir!
Louvores a Beizebu!
Ora, sus, que fazes tu?
Despeja todo esse leito.
Em boa hora! Feito, feito!
Abaixa má-hora esse cul!

COMPANHEIRO

DIABO

Faze aquela poja lesta,
e alija aquela diça.
Oh, caça! oh, iça, iça!
Oh, que caravela está!
Põe bandeiras, que é festa.

verga alta! âncora a pique!
Ó poderoso dom Anrique!
Cá vindes vós? Que cousa é esta?

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel, diz:

FIDALGO

Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?
Vai pera a ilha perdida.

DIABO

Pera lá vai a senhora?

FIDALGO

Senhor, a vosso serviço.

DIABO

Parece-me isso cortiço.

DIABO

Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO

Porém, a que terra passais?

DIABO

Pera o Inferno, senhor.

FIDALGO

Terra é bem sem-sabor.

DIABO

Quê! E também cá zombais?

FIDALGO

E passageiros achais

DIABO

pera tal habitação?

DIABO

Vejo-vos eu em feição

FIDALGO

pera ir ao nosso cais...

DIABO

Parece-te a ti assi?

FIDALGO

Em que esperas ter guarida?

DIABO

Que leixo na outra vida

FIDALGO

quem reze sempre por ti?

DIABO

Hí hi hi hi hi hi!

FIDALGO

E tu viveste a teu prazer,

DIABO

cuidando cá guarecer,

FIDALGO

porque rezam lá por ti?

DIABO

Embarcai, ou, embarcai,

FIDALGO

que haveis de ir à derradeira.

DIABO

Mandai meter a cadeira,

FIDALGO

que assi passou vosso pai.

DIABO

Quê, quê, quê! Assi lhe vai?

FIDALGO

Vai ou vem, embarcai prestes:

DIABO

segundo lá escolhestes,

FIDALGO

assi cá vos contentai.

DIABO

Pois que já a morte passastes,

FIDALGO

haveis de passar o rio.

DIABO

Não há aqui outro navio?

FIDALGO

Não, senhor, que este fretastes,

DIABO

e primeiro que espirastes,

me destes logo sinal.
Que sinal foi esse tal?
Do que vós vos contentastes.

FIDALGO

DIABO

FIDALGO

A est'outra barca me vou.

Hou da barca! Pera onde is?

Ah, barqueiros, não me ouvis?

Respondei-me! Hou lá, hou!

ar Deus, aviado estou:

Quant'a isto é já pior.

Que giricocins, salvanor!

Cuidam que sam eu grou?

Que quereis?

Que me digais,

pois parti tão sem aviso,

se a barca do Paraso

é esta em que navegas.

Esta é. Que demandas?

Que me leixeis embarcar:

sou fidalgo de solar,

é bem que me recolhais.

ANJO

FIDALGO

ANJO

FIDALGO

ANJO

FIDALGO

ANJO

FIDALGO

ANJO

FIDALGO

Venha prancha e atavio:

levai-me desta ribeira.

Não vindes vós de maneira

pera ir neste navio.

Ess' outro #ai mais vazio,

a cadeira entrará,

e o rabo caberá,

e todo vosso senhorio.

ANJO

Vós ireis mais espaçoso,

com fumosa senhoria,

cuidando da tirania

do pobre povo quexoso.

E porque de generoso

desprezastes os pequenos.

FIDALGO

DIABO

achar-vos-eis tanto menos,
quanto mais fostes fumoso.

DIABO

À barca, à barca, senhores!
Oh, que maré tão de prata!
Um vintezinho que mata,
e valentes remadores.

Diz cantando:

Vos me viréis a la mano,
a la mano me veniredes.

FIDALGO

Ó Inferno todavia!
Inferno há i pera mi?
Oh, triste! Enquanto vivi,
não cuidei que o i havia,
tive que era fantasia.
Folgava ser adorado;
confeiei em meu estado,
e não vi que me perdia.

DIABO

Venha essa prancha, veremos
esta barca de tristura.
Embarqu' a vossa doçura,
que cá nos entenderemos.
Tomareis um par de remos,
veremos como remais;
e chegando ao nosso cais,
todos bem vos serviremos.

FIDALGO

Esperar-me-eis vós aqui;
tornarei à outra vida
ver minha dama querida,
que se quer matar por mi.
Que se quer matar por ti?
Isto bem certo o sei eu.
Ó namorado sandeu,
o maior que nunca vi!

DIABO

Como poderá isso ser,
que m'escrevia mil dias.
Quantas mentiras que lias,
e tu morto de prazer!

FIDALGO

Pera que é escarnecer,
que não havia mais no bem?
Assi vivas tu, amén,
como te tinha querer.

DIABO

Assi vivas tu, amén,
como te tinha querer.

DIABO

Isto quanto ao que eu conheço...
Pois estando tu espirando,
se estava ela requibrando
com outro de menos prego.
Dá-me licença, te peço,
que vá ver minha mulher.
E ela por não te ver
despenhar-se dum cabeçaço.

Quanto ela hoje rezou
antr' seus gritos e gritas,
foi dar graças infinitas
a quanto ela desassombrou.
Quanto ela bem chorou!
Não há i choro d'alegria?
E as lástimas que dáis?
Sua mãe lhas cresceu!

FIDALGO

DIABO

FIDALGO

DIABO

Entrai, entrai, entrai!
Ei-la prancha, ponde o pé!
Entremos, pois que assi é...
Ora, senhor, descansai,
passeai e suspirai;
entanto virá mais gente.
Ó barca, como és ardente!
Maldito quem em ti vai!

FIDALGO

DIABO

FIDALGO

Diz o Diabo ao moço da cadeira:

DIABO

Não entras cá, vai-te d'il!
A cadeira é cá sobeja:
cousa que esteve na igreja
não se há de embarcar aqui.
Cá lha darão de marfi,
marchetada de dolores,
com tais modos de lavores,
qu' estagá fora de si.

[...]

Vem um Frade com uma Moça pela mão, e um broquel e uma espada na outra, e um casco debaixo do capelo; e ele mesmo fazendo a batxa, começa de dançar, dizendo:

FRADE

Tai-rai-rai-ra-rá; tai-ri-ri-rá;
ta-rai-rai-rai-rá; tai-ri-ri-rá;
tá-tá; ta-ri-rim-ri-rá; tui-tui!

DIABO

Que é isso, Padre? Quer vos br?

FRADE
DIABO
FRADE
DIABO

Deo gratias. Som cortesão.
Sabeis também o tordião?
Porque não? Como ora sei!
Pois, entra! Eu tangerei
e faremos um scraão.

FRADE
DIABO

Essa dama, é ela vossa?
Por minha a tenho eu,
e sempre a tive de meu.
Fizestes bem, que é fermosa!
E não vos punham lá grossa?
E eles fazem outro tanto!
Que cousa tão preciosz!

FRADE
DIABO

Entra, Padre reverendo!
Pera onde levais gente?
Pera aquele fogo ardente,
que não temestes vivendo.

FRADE
DIABO

Juro a Deus que não t'entendo:
e est'hábito não me val?
Gentil padre mundanal.
a Berzebu vos encomendo.
Ah, Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesu Cristo,
eu não posso entender isto!
Eu hei de ser condenado?

FRADE
DIABO
FRADE

Um padre tão namorado,
e tanto dado a virtude!
Assi Deus me dê saúde,
que eu estou maravilhado!
Não cureis de mais detença,
embarcai e partiremos.
Tomareis um par de remos.
Não ficou isso n'avença.

DIABO

FRADE

Pois dada está já a sentença.
Partedeus, essa seria ela!
Não vai em tal caravela
minha senhora Florença.
Como! Por ser namorado,
e folgar com uma mulher,
se há um frade de perder
com tanto salmo rezado?

DIABO
FRADE

DIABO

Ora estás bem aviado.

FRADE
DIABO

Mais estás bem corregido.
Devoto padre e marido,
haveis de ser cá pingado....

Descobriu o Frade a cabeça, tirando o capelo, e apareceu o careto. E disse: - Regula!

FRADE
DIABO

Mantenha Deus esta coroa!
Ó padre! Frel! Capacetel!
Cuidei que tínheis barrete.

FRADE

Sabei que fui da pessoa.
Esta espada é roloa,
e este broquel rolão.

DIABO

Dê Vossa Reverência lição
d'esgrima, que é cousa boa.

Começa o Frade a dar lição d'esgrima com a espada e broquel, que são d'esgrimir, e diz desta maneira:

FRADE

Deo gratias! Demos capada!
Pera sempre contra sus!
Um fendente! Ora sus!
Esta é a primeira levada.
Alto! Levantai a espada!
Talho largo e um revés!
E logo colher os pés,
que todo o al não é nada.

Quando o recolher se tarda,
o ferir não é prudente.

Ora, sus, mui largamente,
cortai na segunda guarda!
Guarde-me Deus d'espingarda,
mais de homem denodado.
Aqui estou tão bem guardado
como a palha na albarda.

DIABO
FRADE

Saio com meia espada...
Oulá, guardai as queixadas!
Ó, que valentes levadas!
Ainda isto não é nada...
demos outra vez caçada!
Contra sus e um fendente,
e cortando largamente,
eis aqui scista feita.

Daqui saio com uma guia,
e um revés da pimenta.

esta é quinta verdadeira.
Oh, quantos d' aqui ferial!
Padre que tal aprendia,
no inferno há de haver pingos?
Ah, não praza a São Domingos
com tanta descortesia!

Torna a tomar a Moça pela mão, dizendo:

Vamos à Barca da Glória.

Começa o Frade a fazer o tordilão e vão dançando até o batel do Anjo desta maneira:

TA-ra-rai-rã; ta-ri-ri-ri-rã;
tai-rai-rã; ta-ri-ri-rã; ta-ri-ri-rã;
huhá!

Deo gratias! Há lugar cá
pera minha reverença?
E a senhora Florença
polo meu entrará lá!
Andar, multizeramá!
Furtaste o trincão, frade?
Senhora, dá-te à vontade,
que este feito mal está.

Vamos onde havemos d' ir.
Não praza a Deus com a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira,
senão... enfim: concluir.
Haveis, padre, de vir.
Agasalhai-me lá Florença,
e cumpra-se esta sentença,
e ordenemos de partir.

Tanto que o Frade é embarcado vem uma Alcoviteira, per nome Brísida Vaz, a qual chegando à Barca infernal, diz desta maneira:

Oulá da barca, oulái!
Quem chama?

E aguarda-me, rapaz:
como não vem ela já?
Diz que não há de vir cá
sem Joana de Valdeis.
Entrai vós e remareis.
Não quero eu entrar lá.

[COMPANHEIRO]

DIABO
BRÍSIDA

DIABO
BRÍSIDA
DIABO
BRÍSIDA
DIABO
BRÍSIDA

DIABO
BRÍSIDA
DIABO
BRÍSIDA

Que saboroso arreccar!
Não é essa barca qu'eu cato.
E trazeis vós muito fato?
O que me convém levar.
Que é o qu' haveis d'embarcar?
Seiscentos virgos postiços,
e três arcas d'efeitiços,
que não podem mais levar.

Três almários de mentir,
e cinco cofres d'enleitos,
e alguns furtos alheios,
assi enjóias de vestir,
guarda-roupa d'encobrir,
enfim, casa moveleira;
um estrado de cortiça,
com dez cochins d'encobrir.

A mor cárrega que é,
essas moças que vendia
daquesta mercadoria
trago eu muita, bofé.
Ora ponde aqui o pé.
Huil! E eu vou pera o paraíso!
E quem te disse a ti isso?
Lá hei d' ir desta maré.
Eu sou uma mártela tal,
açoites tenho levados,
e tormentos suportados,
que ninguém me foi igual.
Se fosse o fogo infernal,
lá iria todo o mundo!
A est' outra barca cá em fundo
me vou eu, que é mais real.

[E chegando à Barca da Glória, diz ao Anjo:]

Barqueiro, mano, meus olhos,
prancha a Brísida Vaz.
Eu não sei quem te cá traz...
Peço-vó-lo de gíolhos!
Cuidais que trago piolhos,
anjo de Deus, minha rosa?
Eu sou aquela preciosa,
que dava as moças a molinos.

a que criava as meninas

ANJO
BRÍSIDA

pera os cônegos da Sé...
Passai-me, por vossa fé,
meu amor, minhas boninas,
olhos de perlinhas finas!
E eu sou apostolada,
angelada e martelada,
e fiz cousas mui divinas.

Santa Úrsula não converteu
tantas cachopas como eu:
todas salvas pelo meu,
que nenhuma se perdeu.
E prouve Àquele do céu,
que todas acharam dor-o.
Cuidais que dormia sono?
Nem ponto se me perdeu!

Ora vai lá embarcar,
não esteis importunando.
Pois estou-vos eu contando
o porque me haveis de levar.
Não cures de importunar,
que não podes ir aqui.
E que má-hora eu servi,
pois não m'há-de aproveitar!

Desce-se Brísida Vaz à barca do Inferno, dizendo:

Hou barqueiros da má-hora,
que é da prancha, que eis me vou?
E há já muito que aqui estou,
e pareço mal cá fora.
Ora entrai, minha senhora,
e sereis bem recebida.
Se vivestes santa vida,
vós o sentireis agora.

Tanto que Brísida Vaz se embarca, vem um Judeu com um bode às costas; e chegando ao batel dos danados, diz ao Diabo:

Que vai cá, hou marinheiro?
Oh, que má hora vieste!
Cuj' é esta barca que preste?
Esta barca é do barqueiro.
Passai-me por meu dinheiro.
E esse bode há cá de vir?
Pois também o bode há de ir.

DIABO
JUDEU
DIABO
JUDEU

DIABO
JUDEU

[Fala ao Fidalgo]

DIABO
JUDEU

JOANE

DIABO
JOANE

DIABO

Que escusado passageiro!
Sem bode, como irei lá?
Nem eu não passo cabrões.
Eis aqui quatro tostões,
e mais se vos pagará:
por vida de Semifará,
que me passeis o cabrão!
Quereis mais outro tostão?
Nenhum bode há de vir cá.

Porque não irá o Judeu
onde vai Brísida Vaz?

Ao senhor meirinho apraz?
Senhor meirinho, irei eu?
E ao fidalgo, quem lhe deu --
O mando, dizeis, do batel?
Corregedor, coronel,
castigai este sandeul!

Azará, pedra miúda,
lodo, chanto, fogo, lenha,
cagancira que te venha!
Má corrença que te acuda!
Por el Deus que te sacuda
com a beca nos focinhos!
Fazes burla dos meirinhos?
Dize, filho da cornuda.

Furtaste a chiba, cabrão?
Pareceis-me vós a mim
gafanhoto d'Almeirim,
chacinado em um seirão.
Judeu, lá te passarão,
porque vão mais despejados.
E ele mijou flos finados
n'igreja de São Gião!

E comia a carne da panela
no dia de nosso Senhor!
E aperta o salvanor,
e mija na caravela!
Sus, sus, demos à vela!
Vós, judeu, ireis à toa,
que sois mui ruim pessoa.
Levai o cabrão na trela!

Traduzione. Moralità composta da Gil Vicente in onore della serenissima e cattolicissima regina Eleonora, nostra signora, e rappresentata per suo ordine alla presenza del potente principe e grandissimo re Emanuele, primo di questo nome in Portogallo.

Comincia l'argomento dell'opera. In questa moralità ci si figura che, nel momento in cui spiriamo, subito ci ritroviamo in riva ad un fiume che siamo costretti a passare su uno dei due battelli all'ancora: uno di questi porta in Paradiso, l'altro all'Inferno; e ciascuno ha un pilota a prua: quello del Paradiso un Angelo, quello dell'Inferno un Pilota Infernale e il suo Compagno.

Il primo interlocutore è un Nobile, il quale arriva seguito da un Paggio che gli regge la lunga coda del mantello e gli porta una sedia a schienale. Prima che arrivi il Nobile, il Pilota Infernale incomincia in questo modo:

DIABOLO: In barca, in barca, chilà, ché la marea è buona. Ora venga il carro [antenna di vela latina] a poppa!

COMPAGNO: Ecco fatto.

COMPAGNO: Bene. Muoviti, alla malora, tesa quel paranco e sgombera quel banco per la gente che verrà. — In barca, in barca, uuh Svelti, che me ne voglio andare! Che bel tempo per partire, sia lodato Belzebù! — Forza, tu, che stai a fare? Libera costi la coperta, tutta!

COMPAGNO: Alla buon'ora! Ecco fatto!

COMPAGNO: Tira giù quella puleggia! Molla quella cima e aleggia quella drizza!

COMPAGNO: Oh, forza! Oh, issa!

COMPAGNO: Ah, che caravella è questa! Su i pavesi ché è gran festa. Verga alta! Ancora a picco! Via a salpare! — O potente don Enrico, voi qui? e come mai?

Il Nobile si avvicina e, arrivato al battello infernale, dice:

NOBILE: Dove va ora questa barca, ché è così allestita?

DIABOLO: Verso l'isola perduta e parte proprio ora.

NOBILE: E va laggiù, la signora?

DIABOLO: Signore, servitor vostro.

NOBILE: Pare piuttosto un canestro.

DIABOLO: Perché la vedete da fuori.

NOBILE: E dunque, dove approdate?

DIABOLO: All'Inferno, signore.

NOBILE: Terra ben poco amena.

DIABOLO: Come? Pure qui scherzate?

NOBILE: E trovate passeggeri per tale destinazione?

DIABOLO: Voi mi avete proprio l'aria di venire al nostro molo ...

NOBILE: Ti sembra proprio così?

DIABOLO: Da dove aspettate salvezza?

NOBILE: Perché lascio nell'altra vita chi pregherà sempre per me.

DIABOLO: Chi pregherà sempre per te? Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah! E tu sei vissuto a tuo piacere, sperando di salvarti di qua perché di là pregano per te? Imbarcatevi,

imbarcatevi, ché alla fine dovete salirci. Fate mettere la sedia, ché non è comodo il vostro padre.

NOBILE: Come, come? Così gli è andata?

DIABOLO: Andata o venuta, sbrigatevi a salire: secondo quel che l'avete avuto, andate dove volete accontentarvi. La morte l'avete passata, ora dovete passare il fiume.

NOBILE: Non c'è altra imbarcazione qui?

DIABOLO: No, signore, questa avete noleggiato, e già prima di spiccare mi avete dato il segnale.

NOBILE: Un segnale, io? E quale?

DIABOLO: Che eravate ben contento.

NOBILE: Me ne vado all'altra barca. Ehi, della barca! Dove andate? Ohé, barcaioli, non mi sentite? Rispondete! Ho là, ehi! Oh, per Dio, sto fresco! Qui va ancora peggio. Che asini, salvognuno! Mi hanno preso per fesso?

ANGELO: Che volete?

NOBILE: Che mi diciate, poiché son partito quando meno me l'aspettavo, se codesta su cui navigate è la barca del Paradiso.

ANGELO: Sì, è questa. Che cercate?

NOBILE: Che mi lasciate imbarcare: sono nobile di razza, e fareste bene ad accogliermi.

ANGELO: Non si imbarca tirannia su questo battello d'oro.

NOBILE: Non so che avete da ridire a che entri la mia signoria.

ANGELO: Per la vostra presunzione è ben stretta questa barca.

NOBILE: Non c'è qui più cortesia per un signore della mia fatta? Si mettano passerella e addobbii! Portatemi via da questa riva.

ANGELO: Non vi presentate nella migliore maniera per salire su questa nave. Su quell'altra c'è più posto: ci starà la sedia e ci entrerà lo strascico con tutta la vostra nobiltà. Là starete a vostro agio con tutti i fumi del rango, pensando alla tirannia sulla povera gente che piange. E poiché, da magnanimo, disprezzaste i piccoli, vi troverete tanto più in basso quanto più foste borioso.

DIABOLO: In barca, in barca, signori! Oh, che marea d'argento. C'è un venticello che incanta e valenti rematori. (*Dice cantando*):

Mi verrete tra le mani,

tra le mani mi verrete.

NOBILE: All'Inferno, allora! Per me c'è dunque l'Inferno? Ahimè! Finché son vissuto, non credevo che ci fosse, lo ritenevo una farsa. Gioivo di essere adorato; confidavo nel mio stato e non vidi che mi perdevi. Si metta la passerella, vedremo questa barca della malora.

DIABOLO: S'imbarchi vostra dolcezza, ché qui ci intenderemo ... Prendete un paio di remi, vediamo come remate; e arrivati al nostro molo, tutti vi serviremo.

NOBILE: Aspettatemi qui. Tornerò nell'altra vita per vedere la mia amata signora che vuole uccidersi per me.

DIABOLO: Vuole uccidersi per te?

NOBILE: Questo lo so per certo.

DIABOLO: Oh innamorato balordo, il più grosso che io abbia visto!

NOBILE: Ma come può essere, se mi scriveva mille volte.

DIABOLO: Quante bugie leggevvi, e tu ... morio di piacere!

NOBILE: Ma perché questo dilleggio, se non c'era amore più grande?

DIABOLO: Che tu viva tanto quanto lei ti voleva bene!

NOBILE: Questo per quel che so io ...
 DIAVOLO: Mentre tu stavi spirando, lei se la spassava con uno di più bassa estrazione.
 NOBILE: Consentimi, ti prego, di rivedere la mia donna.
 DIAVOLO: E lei, per non vederti, si butterà giù da un monte. La sua preghiera oggi, tra grida e urla, è stata render grazie infinite a chi le ha tolto il disturbo.
 NOBILE: Ma lei ha pianto davvero!
 DIAVOLO: Non si piange anche di gioia?
 NOBILE: E i lamenti che faceva?
 DIAVOLO: Glieli ha insegnati sua madre. Entrate, entrate, entrate! Ecco la passerella, qua il piede.
 NOBILE: Entriamo, se è così ...
 DIAVOLO: Adesso, signore, riposare, passeggiare e sospirare; frattanto verrà altra gente.
 NOBILE: Oh, barca, quanto sei ardente! Disgraziato chi si imbarca!

Il Diavolo, al ragazzo della sedia:

DIAVOLO: Tu non entri, vattene via! la sedia qui è di troppo: non si imbarca qui una cosa che è stata in chiesa! Gliene daranno una d'avorio intarsiata di dolori, con tal sorta di lavori che uscirà di senno.

[...]

Viene un frate tenendo una ragazza per una mano, e con l'altra un brocciare e una spada, e un elmetto sotto il cappuccio; e iniziando una bassa danza, comincia a ballare, dicendo:

FRATE: Ta-ra-ra-ran; ta-ri-ri-ra; ta-ra-ra-ran; ta-ri-ri-ran; tan-tan; ta-ri-rin-rin-ran; uah!
 DIAVOLO: Che c'è, Padre? Che succede?
 FRATE: Deo gratias! Son cortigiano.
 DIAVOLO: Conoscete anche la tresca?
 FRATE: Come no? È naturale!
 DIAVOLO: Dunque, entrate! Io suonerò e faremo una gran festa. Codesta dama è la vostra?
 FRATE: La ritengo come mia e per me l'ho sempre avuta.
 DIAVOLO: Fate bene, è proprio bella! E non vi mettevano in baia, nel vostro convento?
 FRATE: Se loro fanno altrettanto!
 DIAVOLO: Ma che cosa deliziosa! Entrate, reverendo!
 FRATE: Dove portate la gente?
 DIAVOLO: Verso quel fuoco ardente che non temeste in vita.
 FRATE: Giuraddio, non ti capisco! Quest'abito non mi vale?
 DIAVOLO: Prete cortese e mondano, a Belzebù vi accomando!
 FRATE: Ah, Corpo di Dio consacrato! Per la fede di Gesù Cristo, questa poi non riesco a capirla! Devo esser condannato? Un prete così innamorato e tanto dedito alla virtù!
 Ah, che Iddio mi dia salute, sono proprio sconcertato!
 DIAVOLO: Non tiratela più in lungo. Imbarcatevi e partiremo. Prenderete un paio di remi.
 FRATE: Non c'era questo nei patti.

DIAVOLO: Ormai la sentenza è data!
 FRATE: Oh, per Dio! Che storia è questa? La mia signora Fiorenza non è che una caravella! Come? Per essere innamorato e godere con una donna, un frate deve perdersi con tanti salmi che ha cantato?
 DIAVOLO: Ora sei ben sistemato!
 FRATE: E tu sarai meglio servito!
 DIAVOLO: Devoto prete e marito, sarete ben suppliziato ...

Il frate si scopre la testa, togliendosi il cappuccio, ed appare l'elmo. E dice il frate:

FRATE: Dio salvi questa tonsura!
 DIAVOLO: Oh, padre fra Bacinetto, credevo che aveste il berretto!
 FRATE: Sappiate che fui qualcuno! Questa spada è rolandina e questo brocciare è rolando.
 DIAVOLO: Vostra Riverenza dia lezione di scherma, che è cosa buona.

Il frate comincia a dare lezione con spada e brocciare, adattati a tirar di scherma, e dice così:

FRATE: Deo gratias! Pronti all'assalto! State sempre in guardia alta! Un fendente e poi su ancora! Questo qui è il primo affondo. Alzate la spada! Taglio largo, quarta alta! E ritirar subito i piedi, ché tutto il resto non serve. Quando si tarda a ritirarsi, non è prudente colpire. Coraggio, su! molto alla larga, dentro la seconda guardia! Dio mi guardi da spingarda e da uomo temerario. Qui to sto così al sicuro come la paglia nel basto. Ora fuori con mezza spada... Ehi là, guardatevi la faccia!
 DIAVOLO: Oh che gagliarde stoccate!
 FRATE: E questo non è ancora niente ... Un'altra volta all'assalto! Guardia alta ed un fendente, ecco un allungo di sesta! Poi di qui esco in parata e in un rovescio di prima: questa sì è una vera quinta. Quanti ne colpirei! Un frate di questa maestria deve essere suppliziato all'inferno? Ah, non piaccia a San Domenico tanta scortesia!

Riprende per mano la ragazza, dicendo:

Alla Barca della Gloria!

Il frate comincia a ballare la tresca e danzando arrivano fino al battello dell'Angelo:

FRATE: Ta-ra-ra-ran; ta-ri-ri-ri-ran; ta-ra-ran; ta-ri-ri-ran; ta-ri-ri-ran, huh! Deo gratias! C'è posto qua per la mia riverenza? E anche la signora Fiorenza entrerà per merito mio!
 ZANNI [LO SCIOCCO]: Ma va in malora, frate! Dove hai rubato quella scudella?
 FRATE: Signora, ho l'impressione che le cose si mettono male. Andiamo dove dattimo mo andare. Maledetta da Dio questa riva! Io non vedo altra soluzione se non ... beh, farla finita.
 DIAVOLO: Padre, dovete venire!

FRATE: Datemi un bel posto a Firenze, e la sentenza sia eseguita: prepariamoci a partire.

Mentre il Frate s'imbarca, viene una ruffiana, di nome Brigida Vaz, che arriva alla Barca dell'Inferno, dice:

BRIGIDA: Ehi della barca, ehi là!

DIABOLO: Chi mi chiama?

BRIGIDA: Brigida Vaz.

DIABOLO: Va un po' a vedere, ragazzo: perché quella non entra?

{COMPAGNO}: Dice che non verrà qui senza Giovanna di Valdès.

BRIGIDA: Entrate e renerete.

DIABOLO: Così non voglio entrarci.

BRIGIDA: Che gustosa nitrosia!

DIABOLO: Non è questa la barca che cerco.

BRIGIDA: Avete molto bagaglio?

DIABOLO: Quel che mi conviene portare.

BRIGIDA: Che avete da imbarcare?

DIABOLO: Setcento verginità postiche, e tre archi di fatture, che non possono portarne al più: tre credenze di menzogne e cinque bauli di intrighi, ed un po' di rubamenti, come ad esempio monili, un armadio per nasconderceli, insomma una casa mobile; uno uzbekello di sughero: con dieci cuscini d'inganno. Ma il carico maggiore sono queste ragazze che vendevo: di questa merce ne ho molta, in fede mia.

BRIGIDA: Qui il piede, adesso.

DIABOLO: Che? Io vado in paradiso.

BRIGIDA: E chi te lo ha detto?

DIABOLO: Devo andarci con questa marca. Io sono una tal martire, ho preso tante frustrare e patito tanti tormenti che nessuno mi è pari. Se dovessi finire nel fuoco dell'inferno, ci finirebbe il mondo intero. Io vado a quell'altra barca là in fondo, che è più regale.

E giungendo alla Barca della Gloria, dice all'angelo:

Barcaiolo, fratello mio, occhi miei, passerella per Brigida Vaz.

ANGELO: Io non so chi ti porta qua...

BRIGIDA: Ve lo chiedo in ginocchio. Pensate che abbia i pidocchi, angelo di Dio, rosa mia? Io sono quella preziosa che dava ragazze a bizzefze, quella che allevava le fanciulle per i canonici della cattedrale. Fatemi salire, in fede vostra, amor mio, margheritina mia, occhi di fini perle: io sono apostolica, angelica e martire, e ho fatto opere divine. Sant'Orsola non ha convertito tante giovanette quante ne ho convertite io: tutte salve grazie a me, ché nessuna si è perduta. E piacque al cielo che tutte trovassero il loro padrone. Credete che dormissi? Nemmeno per sogno, e non ci ho rimesso.

ANGELO: Ora va a imbarcarti, e non stare a importunarmi.

BRIGIDA: Ma vi sto dicendo le ragioni per cui dovete prendermi.

ANGELO: Non continuare a importunarmi, tanto qui non puoi venirci.

BRIGIDA: Alla malora i miei servizi, poiché non mi gioveranno a niente.

Torna Brigida Vaz alla Barca dell'Inferno, dicendo:

Ehi, barcaioli della malora, dov'è la passerella, ché vengo? È già troppo che mi aspetta, non mi trovo bene qua fuori.

DIABOLO: Ora entrate, mia signora, e sarete ben accolta. Se avete stanchezza, venite, adesso ve ne accorgerete.

Mentre Brigida Vaz s'imbarca, viene un ebreo con un caprone in spalla, e allora si Diavolo:

Ehi, marinaio, che c'è qua?

DIABOLO: Alla malora, sei arrivato!

EBREO: Di chi è codesta barca già pronta?

DIABOLO: Questa barca è del barcaiolo.

EBREO: Fatemi passare, per i miei soldi.

DIABOLO: E quel caprone deve entrare qua?

EBREO: Anche il caprone deve venire.

DIABOLO: Oh, che passeggero inutile!

EBREO: Come potrei venirci senza caprone?

DIABOLO: Ma io becchi non ne trasporto.

EBREO: Eccovi quattro testoni, e di più se vi fa piacere, parola di Semifari: traghettate-mi il caprone. Volete un altro testone?

DIABOLO: Nessun caprone entrerà qua.

EBREO: Perché l'ebreo non andrà dove va Brigida Vaz? [Parla al nobile] Piace così al signor giudice? Ci andrò, signor giudice?

DIABOLO: E al nobile chi ha dato...

EBREO: Volete dire, il comando della nave? Giudice, colonnello, castigatelo questo sciocco. Sventura, mal della pietra, fango, pianto, fuoco, legna, cacarella che ti venga! Lo scarcarò ti si porti! Per il Dio, ti sbatterò la stola sul muso. Ti fai beffe dei giudici, di' un po', figlio di cornuta.

ZANNI: Hai rubato la capretta, caprone? Mi sembrate una cavalletta di Almeirim schiacciata in una cesta.

DIABOLO: Giudeo, sull'altra barca ti tragheranno, perché vanno più leggeri.

ZANNI: Costui ha pisciato sui morti nella chiesa di San Giuliano! E mangiava il suo lesso nel giorno di Nostro Signore! E poi, stringe il salvognuno e piscia nella caravella!

DIABOLO: Forza, su, alziamo le vele. Voi, ebreo, verrete a rimorchio, ché siete un gran farabutto. E tenete il caprone al guinzaglio!

Gil Vicente

Da A Farsa da Índia.

In assenza del marito, partito per l'India nella speranza di cambiare sorte, la moglie si dà alla bella vita, circondandosi di amanti. Ne ha appena trovato uno, quando la sera viene ad avvisarla che il marito è di ritorno. La farsa ha rappresentato nel 1599, in presenza della regina Elconora.